

Fundo do poço é o bom cenário

A produção pode estar parando de cair, mas é muito estreito o caminho da recuperação

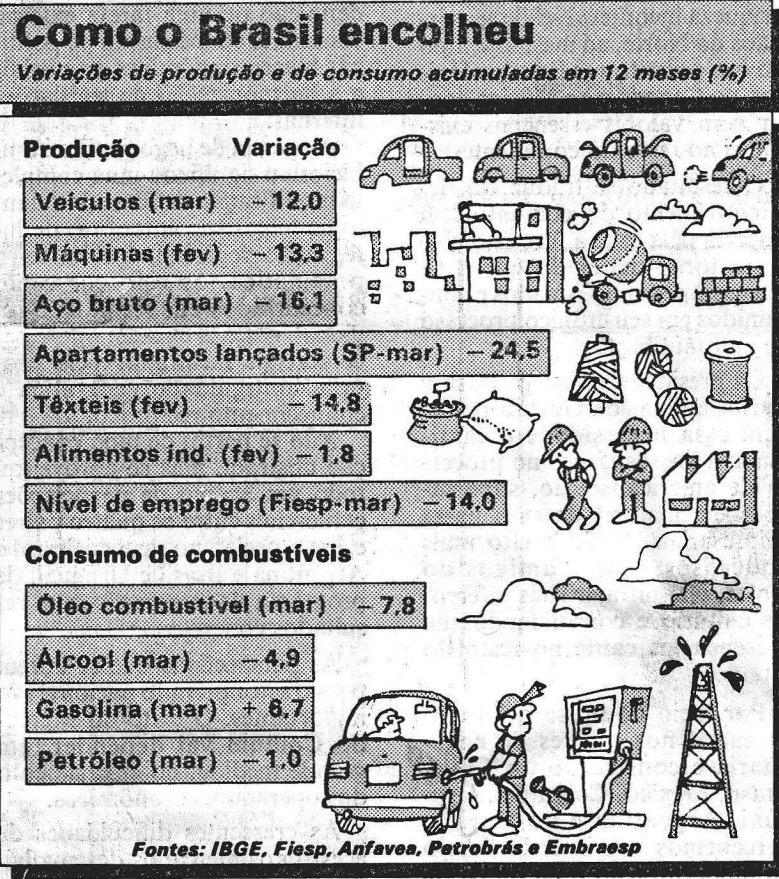
ROLF KUNTZ

Com um milhão de desempregados na Grande São Paulo, uma baixa acumulada de 12% na produção industrial e mais uma quebra de safra, a economia brasileira pode ter chegado ao fundo do poço. Um ano depois da posse do presidente Fernando Collor, o Brasil mantém uma inflação muito maior e um ritmo de produção muito menor que o de qualquer outro país capaz de exportar navios, automóveis, equipamentos pesados, aviões, aparelhos eletrônicos e cálculo biliar bovino. Contemplando os escombros, a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, concluiu que a política recessiva foi um sucesso mas não ajudou muito a política antiinflacionária. Isso explica a tentativa de reintroduzir o controle de preços. Mas nenhum burocrata mostrou, até agora, como garantir uma efetiva recuperação dos negócios e do emprego.

Há, por enquanto, sintomas de melhora. A redução das demissões em São Paulo parece indicar que a economia parou de encolher ou, pelo menos, não encolherá muito mais. O emprego na indústria diminuiu 3,7% em janeiro, 1,8% em fevereiro, 1,1% em março e 0,5% nas duas primeiras semanas de abril, segundo a Fiesp. Imaginar a economia no pior estado

Com Brasil

ESTADO DE SÃO PAULO
28 ABR 1991



SIRIO / ZÉ EDU / ArieEstado

coincide, agora, com a melhor hipótese. Se o palpite for correto, falta adivinhar se a produção continuará como hoje ou se crescerá.

Base para crescimento firme ainda não existe. Os números do quadro dão uma idéia mais ou menos concreta do que é a recessão. Impressionam mais do que dizer que o produto interno bruto (PIB) diminuiu 4,6% em 1990. Mas não contam tudo. Tem-se

uma idéia um pouco mais clara da crise quando se pensa no poder de compra das famílias: na Grande São Paulo, o salário médio baixou 30% entre fevereiro de 1990 e fevereiro deste ano, segundo as contas do Dieese, organismo técnico dos sindicatos, e da Fundação Seade, do governo do Estado. Os ganhos mensais dos 25% mais pobres baixaram menos (18,2%), mas o suficiente para os

descamisados perderem mais alguma peça do vestuário. No conjunto, a massa de salários diminuiu 33,1% no maior centro industrial. Pode ser um meio de desestimular a imigração.

Para garantir o crescimento, porém, não basta aumentar os salários e ocupar a capacidade ociosa. É preciso ampliar a capacidade produtiva. Os números da indústria de máquinas minam qualquer otimismo: a produção acumulada em 12 meses, até fevereiro, foi 13,3% menor que a dos 12 meses anteriores. E naquele período já estava em queda.

A ministra pode ter desistido de apostar tudo na política recessiva, mas continua estreita sua margem de escolha. A contenção dos gastos públicos tem de continuar e deve estender-se, agora, também aos Estados, depois de um ano de farra eleitoral. A política monetária deve permanecer restritiva, com espaço apenas para garantir uma taxa cambial favorável à exportação. Também haverá pressões por um financiamento maior à agricultura, depois de duas safras ruins. Além disso, ainda falta saber como será a devolução dos cruzados. Por enquanto, sobram dois instrumentos para uma política sadia de recuperação: a prefixação de reajustes de preços, que pode causar nova crise de oferta, se for mal administrada, e a lei de incentivos fiscais à compra de máquinas, aprovada na Câmara e ainda em exame no Senado. Há muitos outros caminhos para uma reativação da economia, mas todos conduzem, provavelmente, a uma nova explosão de preços.